

**SAÚDE DOS TRABALHADORES RURAIS MIGRANTES NAS  
CIDADES DO AGRONEGÓCIO PAULISTA: um relato sobre o  
adoecimento após a safra da laranja em Matão (SP) - Brasil**

**HEALTH OF MIGRANT RURAL WORKERS IN AGRIBUSINESS  
CITIES IN SÃO PAULO: a report on illness after the orange harvest  
in Matão – (SP) Brazil**

**Lidiane Maria Maciel**

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IP&D) –  
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PLUR) – São José dos Campos, SP,  
Brasil  
lidiane@univap.br

**Giovana Gonçalves Pereira**

Fundação Getúlio Vargas – (FGV) Centro de Estudos em Microeconomia Aplicada (C-micro) Centro  
Regional para Aprendizagem em Avaliação e Resultados para o Brasil e África Lusófona (CLEAR) – São  
Paulo, SP, Brasil  
giovana.ggp@gmail.com

**Resumo**

O artigo tem como proposta debater o processo de adoecimento de trabalhadores rurais migrantes da colheita de cítricos na Região Administrativa Central – São Paulo. Como estudo de caso, debruçamo-nos na análise de uma experiência de trabalho de campo com trabalhadores(as) da citricultura. Nossa hipótese é que a manutenção de longas jornadas de trabalho movidas por metas de produtividade estimuladas pelos contratos de trabalho por tempo determinado aumenta a exposição dos(as) trabalhadores(as) a riscos de saúde. Uma das evidências mais preocupantes encontradas nos relatos deles foi o contato direto com agrotóxicos nas lavouras paulistas. A metodologia é qualitativa e utiliza-se de dados produzidos por meio de trabalho de campo, revisões e análises da literatura pertinente produzida na sociologia e geografia. Os resultados sinalizam os custos sociais da produção de *commodities* agrícolas no Brasil vivenciados pela mão de obra migrante de pequenas e médias cidades do semiárido nordestino.

**Palavras-chave:** Migrações Permanentemente Temporárias. Trabalho rural. Adoecimento. Citricultura. Setor sucroalcooleiro.

**Abstract**

The article aims to discuss the process of illness of migrant rural workers harvesting citrus in the Central Administrative Region - São Paulo. As a case study we focus on the analysis of a fieldwork experience with citrus workers. Our hypothesis is that maintaining long working hours driven by productivity goals stimulated by fixed-term employment contracts increases workers' exposure to health risks. One of the most worrying evidences

found in their reports was the direct contact with pesticides in São Paulo crops. The methodology is qualitative and uses data produced through field work, reviews and systematized of relevant literature produced in sociology and geography. The results indicate the social costs of the production of agricultural commodities in Brazil experienced by the migrant labor force of small and medium cities of the northeastern semiarid.

**Keywords:** Permanently Temporary Migrations. Rural work. Illness, citrus. Sugar and alcohol sector.

## Introdução

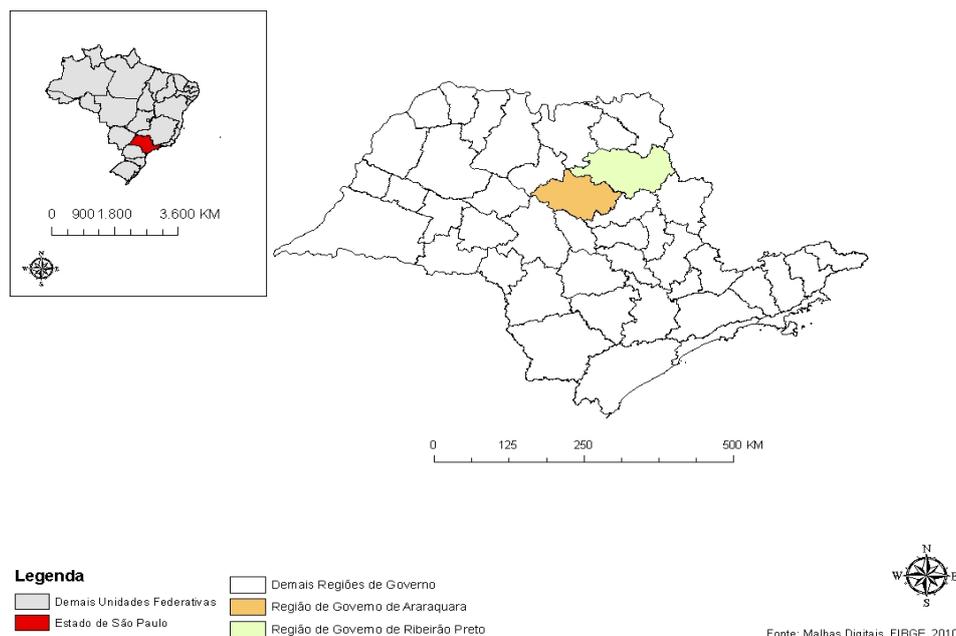
A partir dos anos de 1980, o interior de São Paulo, sentido oeste, remodelou sua agricultura, anteriormente vinculada às antigas bases da cafeicultura e da pecuária extensiva. Diversas regiões do estado de São Paulo, como a Central e de Ribeirão Preto (Figura 1), receberam incentivos governamentais via políticas públicas, que incentivaram os agricultores dessas regiões a modificarem suas matrizes produtivas, como o caso do Proálcool. A Região de Governo de Ribeirão Preto, por exemplo, passou a se despontar no cenário nacional como grande produtora de álcool e açúcar para exportação; os níveis de lucratividade foram tão significativos que fizeram com que as cidades que compõem a Região, como Ribeirão Preto, se “modernizassem” sendo reconhecida midiaticamente como a “Califórnia” brasileira (SILVA, 1999).

No entanto, a rede produtiva do agronegócio (ELIAS, 2011) ainda contou com a formação de um potente setor citrícola que abarcou pequenos e médios municípios pertencentes à rede urbana regional do interior paulista, bem como importantes centros de decisão como São Paulo e Rio de Janeiro que mantêm conexões diretas com os espaços produtivos e de negociação de *commodities* como a bolsa de valores de Nova Iorque, o porto de Bruxelas e a expansão da citricultura brasileira no território norte-americano, particularmente no estado da Flórida.

As cidades do agronegócio (ELIAS, 2003; ELIAS, 2011) apresentam-se como locus privilegiado e verdadeiros laboratórios de observação das transformações ocasionadas pela inserção de um pequeno ou médio município na divisão internacional do trabalho agrícola. O processo de modernização agropecuária no território paulista e suas seletividades produtivas e econômicas privilegiaram a consolidação de atividades

agroindustriais voltadas à produção de *commodities*. Assim, observamos no interior a consolidação dos complexos agroindustriais caracterizados pelas usinas de açúcar e álcool (SILVA, 2008) e da indústria processadora de suco concentrado de laranja.

**Figura 1:** Localização RA Central e RA de Ribeirão Preto. 2010



Fonte: Malhas digitais – FIBGE. 2010.

A difusão do agronegócio, no século XX, e sua consolidação como cadeias de valor no século seguinte ocorrem de forma excludente tanto nas esferas sociais quanto espaciais, visto que o modelo de produção do agronegócio possui suas bases na integração dos espaços rurais à economia urbana, reconfigurando as relações entre o campo e a cidade (ELIAS, 2003). As Tabelas 1 e 2, mostram a potência dos setores citrícola e canavieiro nas últimas décadas, nas Regiões de Ribeirão Preto e Central do estado de São Paulo, setor que foi responsável por criar inúmeros postos de trabalho, principalmente nas colheitas, considerando que, pelo menos, a da laranja ainda é manual.

**Tabela 1:** Produção Toneladas (Região Administrativa de Ribeirão Preto) nos períodos de 1990, 2000, 2010, 2016

Ano	Cana-de-Açúcar	Laranja	Total
1990	25.627.470	331.932	25.959.402
2000	28.410.398	239.860	28.650.258
2010	40.150.301	316.699	40.467.000
2016	38.659.781	255.210	38.914.991

Fonte: Fundação SEADE.

**Tabela 2:** Produção Agropecuária em Toneladas (Região Administrativa Central) nos períodos de 1990, 2000, 2010, e 2016

Ano	Cana-de-Açúcar	Laranja	Total
<b>1990</b>	12.920.032	2.410.018	15.330.050
<b>2000</b>	19.720.798	3.304.607	23.025.405
<b>2010</b>	34.401.088	2.625.649	37.026.737
<b>2016</b>	37.737.112	1.350.068	39.087.180

Fonte: Fundação SEADE.

A Relação Anual de Relação Social (RAIS) estimava que, em 2012, a Região Administrativa Central possuía majoritariamente trabalhadores agrícolas na fruticultura; eram 12.661 vínculos ativos em 31 de dezembro de 2012, dos quais 60,67% são referentes aos homens e 39,33% às mulheres.

Por outro lado, a riqueza desse setor não foi derivada tão somente da capacidade produtiva de moagem de cana-de-açúcar das usinas e seus equipamentos agriculturáveis que ali se instalaram, mas também de um contingente significativo de mão de obra necessária à produção. Os(as) trabalhadores (as) desses setores são, na maioria das vezes, migrantes interestaduais (SILVA, 1999; ALVES, 2007; MACIEL, 2016; PEREIRA, 2019).

Nesse contingente/grupo, é possível encontrar trabalhadores (as) advindos (as) de antigos processos de deslocamentos internos, como aqueles que chegaram do nordeste brasileiro atraídos pelas possibilidades de emprego e renda em terras longínquas de sua origem, e população vinda das cidades próximas da região, como moradores das periferias

urbana empobrecidas, que nos anos 1980 ficaram conhecidos como população volante e/ou boia-fria (SILVA, 1999; MACIEL, 2013, 2016).

Considerando as questões emergentes do setor, este artigo busca refletir sobre as condições de vida e saúde dos trabalhadores rurais migrantes nordestinos que realizam, ao longo das décadas de 2000 e 2010, “migrações permanentemente temporárias” (SILVA, 1999) para o interior de São Paulo em busca de trabalho no corte de cana-de-açúcar e colheita da laranja, nos setores citrícola e sucroalcooleiro. Nos últimos anos, as Regiões de Ribeirão Preto e Central se destacaram frente a outras regiões do estado na produção agrícola e geração de postos de trabalho permanentes e, sobretudo, temporários.

Objetiva-se apresentar as principais doenças e acidentes que acometem os(as) trabalhadores(as) e os impactos no seu ciclo de vida. Em concordância com Silva (2006), reforça-se que a produção de etanol, por exemplo, uma energia considerada “limpa”, é acompanhada de adoecimentos e mortes como mostram estudos de diferentes disciplinas; da mesma forma, os valores acumulados da exportação de suco de laranja<sup>1</sup>, estão comprometidos com condições precárias de trabalho nos pomares paulistas.

Se as mortes nos canaviais são mais evidentes e súbitas, a pesquisa com trabalhadores(as) rurais do setor citrícola apontou que, entre eles(as), a morte pode ser “silenciosa”. O contato diário com defensivos agrícolas da lavoura de laranja pode ser a causa de diferentes tipos de cânceres e outras doenças.

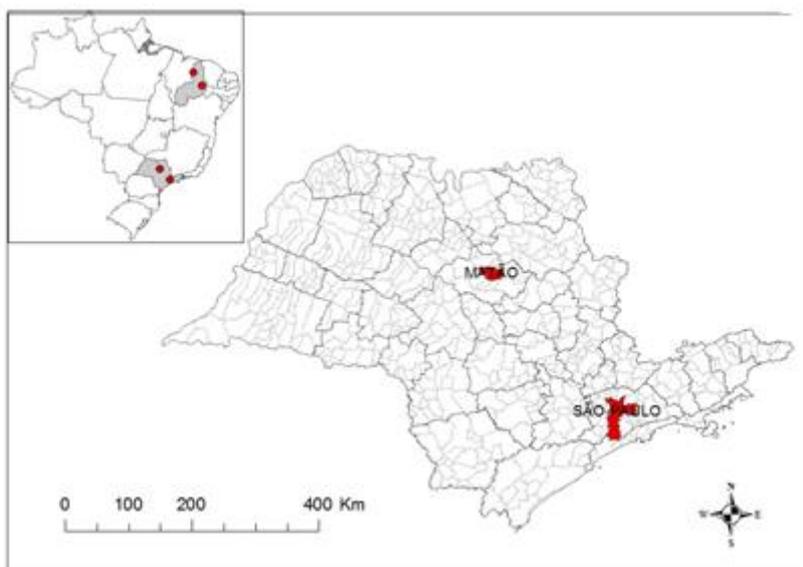
A condição migratória coloca os(as) trabalhadores(as) em maior vulnerabilidade, particularmente por conta da sazonalidade do trabalho. Não raramente, constatamos que era nas pausas da entressafra (dezembro a março) que as queixas e dores apareciam, “escondendo” o adoecimento e não estabelecendo relações diretas com as causas laborais. É possível que os colhedores de laranja<sup>2</sup> não morram em territórios paulistas, mas em casa, em suas comunidades de origem, longe dos holofotes midiáticos, sem serem *problemas* para seus patrões, considerando que o contrato de trabalho é temporário e poucas são as responsabilidades dos empregadores.

## **Materiais e métodos**

Os resultados apresentados neste artigo são referentes a uma pesquisa que investigou as condições de vida dos(as) trabalhadores(as) rurais da colheita da laranja em

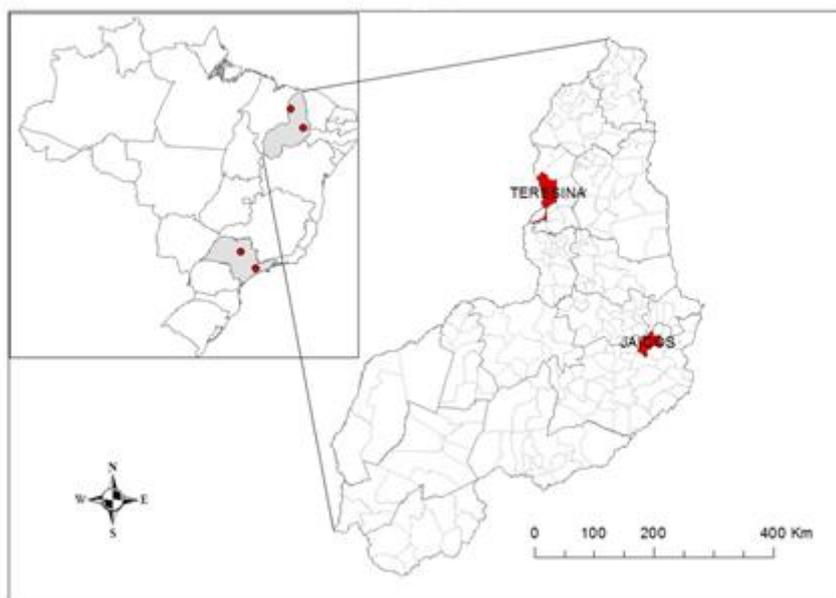
Matão/SP, em sua maioria migrantes do município de Jaicós/PI. A Figura 2 mostra a localização da cidade de Matão, em relação a capital do estado de São Paulo, e a Figura 3 apresenta Jaicós, também em relação a capital do Piauí – Teresina.

**Figura 2:** Localização do município de Matão em relação à capital de São Paulo – São Paulo 2010.



Fonte: Fundação IBGE. Malha Digital 2010

**Figura 3:** Localização do município de Jaicós em relação à capital do Piauí - Teresina. 2010.



Fonte: Fundação IBGE. Malha Digital 2010.

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2012 e 2018 e utilizou de dados quantitativos, disponíveis em diferentes bancos de dados públicos, tais como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) e do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS). Realizou-se a pesquisa de campo com diferentes estratégias metodológicas, como etnografias multisituadas (entre Matão e Jaicós), entrevistas semi-estruturadas e aplicação de questionários. Em Matão, entrevistou-se em profundidade 25 trabalhadores rurais – 10 mulheres e 15 homens; todos esses participantes também responderam a um formulário maior aplicados a um total de 90 pessoas – 45 na cidade de Jaicós e na vizinha Picos (Piauí) e 45 em Matão (São Paulo). Tentou-se manter certa paridade entre os gêneros. O critério de inclusão mais importante foi ter realizado a safra da laranja ou da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo pelo menos uma vez e ter mais de 18 anos. Nesta pesquisa, consequentemente, os critérios de exclusão foram nunca ter migrado para a safra, ser menor de idade e não ser morador dos municípios de interesse.

Os (as) trabalhadores (as), quando questionados (as) sobre seus cotidianos laborais durante o período de safra, enfatizavam a ideia de trabalho *duro* em condições muitas vezes insalubres, fato esse que lhes causava diversas complicações, das mais simples alergias a quadros depressivos. A busca por ajuda especializada de profissionais da área de saúde ocorria quase exclusivamente no período entressafra, pois a ação de *pegar atestado* durante o período de trabalho na colheita da laranja e no corte de cana-de-açúcar “manchava a ficha” do (a) trabalhador (a), uma vez que o (a) funcionário (a) ideal, no momento da contratação, não era somente aquele(a) que batia metas de produção, mas também o (a) que não adoecia.

Os relatos foram colhidos tanto Matão quanto em Jaicós, mas se percebeu que na cidade de origem migratória – Jaicós – os (as) trabalhadores (as) se sentiam mais à vontade para falarem das condições de vida no destino. Neste texto, optou-se por apresentar partes de poucas entrevistas por julgar que elas eram representativas do que escutamos em outros momentos do trabalho de campo.

O artigo se organiza em três partes. Na primeira, apresentamos a questão da migração de trabalhadores(as) rurais para o interior de São Paulo; em seguida, realizamos um sobrevoo na literatura pertinente sobre a questão do adoecimento no setor sucroalcooleiro e, por fim, relatamos as experiências de adoecimento, especialmente de

trabalhadores do setor citrícola, a partir de dados qualitativos resultantes de nossa pesquisa de campo. Esclarece-se que, as citações e referências aos trabalhadores rurais da cana-de-açúcar se faz necessária, pois, nas trajetórias migratórias apresentadas pelos(as) entrevistados(as), é constante a circulação entre os canaviais e pomares paulistas. Trata-se de trabalhadores(as) rurais migrantes, anteriormente considerados “boias-frias”, “volantes” ou “peões de trecho”, cuja circulação entre as ocupações formais na cana e na laranja tornam-se estratégicas para sua reprodução socioeconômica (MENEZES, 2010) e produção de novas espacialidades (MACIEL, 2016).

Este artigo é fruto de duas pesquisas realizadas pelas respectivas autoras que deram origem às suas respectivas dissertações de mestrado e tese de doutorado. Além disso, as autoras estiveram vinculadas ao Projeto Temático– “Observatório das Migrações no Estado de São Paulo” financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo FAPESP (2012/21768-1), coordenado pela Profa. Dra. Rosana Baeninger.

### **As cidades do agronegócio e o semiárido nordestino: os trabalhadores rurais migrantes de Jaicós (PI)**

Baeninger (2000), considerando os dados dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, identifica um fluxo bastante intenso de nordestinos para o interior de São Paulo, o que fez com que esse estado vivenciasse nas últimas décadas uma mudança significativa na distribuição de sua população. A autora compreende que o interior de São Paulo tendeu a ganhar população advinda de, pelos menos, dois fluxos migratórios: o primeiro que partia do sentido capital para interior e os que derivavam de outros estados brasileiros, como Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Piauí (BAENINGER, 1999). O chamado “interior paulista”, em que os migrantes começaram a chegar, já estava profundamente modificado e algumas cidades se beneficiaram da desconcentração industrial (CANO, 1998) e dos circuitos citrícolas e sucroalcooleiro que demandavam muita mão de obra.

Em concordância com Baeninger (2000), Silva (2007) também observa que, a partir dos anos 2000, a Região Central e de Ribeirão Preto (Figura 1) passou por mudança significativa em relação à chegada de novos migrantes. Era cada vez mais presente nos canaviais e laranjais paulistas contingentes de trabalhadores (as) piauienses e

maranhenses: “Migrantes permanentemente temporários” (SILVA, 1992), eles circulavam entre duas ruralidades; a do agronegócio paulista e da agricultura familiar de subsistência, presente em suas comunidades de origem.

Desse modo, Baeninger (2011, p. 76), aprofundando a composição teórica de Silva (1992), compreende que os fluxos migratórios no século XXI “de longa distância são compostos de idas-e-vindas, refluxos, re-emigração, outras etapas”, diferentes daquelas vivenciadas em anos anteriores.

Nesse processo de idas e vindas, conforme destaca Silva (1992), a ação dos sujeitos não ocorre de maneira aleatória e nem as condições puramente estruturais são determinantes. Nos locais de origem, os projetos migratórios são construídos e reconstruídos considerando os imponderáveis situacionais, como a ocorrência de chuvas, que possibilita a agricultura familiar, ou a disponibilidade de emprego nas prefeituras. No caso estudado, foi a partir desses aspectos que cidades como Matão, no Estado de São Paulo, foram construídas no imaginário do migrante que partia de Jaicós, no Piauí.

O município de Jaicós está localizado na região do semiárido nordestino, na microrregião do Alto e Médio Canindé piauiense, estado do Piauí. O Censo Demográfico 2010 computou uma população de 18.035 habitantes e as estimativas para 2019 são de 19.104 pessoas. Cerca de 53.1% dos moradores do município possuem rendimentos mensais de até meio salário mínimo. Economicamente a cidade se organiza por meio dos trabalhos públicos, setor de comércio e serviços e produção agrícola, com destaque para a plantação de feijão. Desde a década de 2000, partem migrantes de Jaicós para a colheita da laranja em Matão (SP).

Localizado na Região Administrativa Central, Matão é integrante do arranjo urbano-rural regional da laranja (DEMÉTRIO, 2017) e desponta como um dos principais locais de observação do processo de urbanização, crescimento populacional e econômico conjugado ao início das atividades da Citrosuco (Grupo Fischer). Seu parque industrial foi criado em meados da década de 1960. O município na época contava com cerca de 30.000 mil habitantes (ELIAS, 2003) e viu sua população ultrapassar as marcas dos 60.000 mil habitantes, dez anos depois, em 1970, juntamente com a modernização de seu quadro industrial por meio da consolidação de empresas de máquinas e implementos agrícolas no cenário nacional e internacional gerenciadas, inicialmente, por filhos de imigrantes italianos, portugueses e espanhóis (PEREIRA, 2013).

A migração do Piauí para São Paulo se insere no contexto das trajetórias de vida familiares – Matão e Jaicós são espaços circulatórios/migratórios (MACIEL, 2013). A safra da laranja acontece entre os meses de junho e dezembro e atrai centenas de trabalhadores interessados no trabalho temporário. Os rendimentos são equiparáveis a um salário mínimo, mas sempre é possível ganhar mais, por se tratar de uma atividade que leva em conta o salário por produtividade.

Em 2019, segundo um portal de notícias local “cidade na net”, em um dia mais de 600 pessoas partiram de Jaicós para Matão na expectativa de trabalharem na safra da laranja e melhorarem de vida: *Na manhã desta sexta-feira (10) março, a cena, que já se tornou corriqueira, se repetiu mais uma vez. A principal avenida da cidade foi tomada por uma multidão, que aguardava a chegada dos cerca de 13 ônibus, que levariam trabalhadores para São Paulo*<sup>3</sup>.

### **Adoecimento evidência empírica e reflexiva: o corte de cana-de-açúcar e a colheita da laranja no estado de São Paulo**

A partir dos anos 2000, a literatura especializada, desde ciências sociais até a área da saúde, como a nutrição, enfermagem, medicina, psicologia e educação física, tem apresentado as precárias condições às quais são submetidos (as) os (as) trabalhadores (as) rurais da agroindústria canaveira e cítrica paulista. Silva (2006), por exemplo, alertava sobre o número cada vez mais significativo de mortes por exaustão de trabalhadores(as) rurais migrantes na região de Ribeirão Preto. Teixeira e Freitas (2003) enfatizavam que nem sempre o desenvolvimento tecnológico significou melhora nas condições de trabalho:

O desenvolvimento tecnológico do campo resultou não só na utilização de novas técnicas agrícolas, **mas também em novos tipos de acidentes do trabalho**. Com a intenção de aumentar a produtividade com menor utilização de mão-de-obra, ampliou-se a força mecânica (máquinas) e a utilização de defensivos agrícolas. (TEIXEIRA; FREITAS, 2003, p. 84 – grifos nossos).

Os estudos sobre o desgaste físico dos (a) trabalhadores (a) do corte de cana apontam a necessidade de suportarem as sobrecargas térmicas da situação climática da

Região de Ribeirão Preto e Central e a intensidade da própria atividade, conforme verificado pelo trabalho de Alves e Novais (2007) que discutia que na década de 2000:

Um trabalhador que corta seis toneladas de cana, em um eito de 200 metros de comprimentos, por 8.5 metros de largura, caminha, durante o dia, aproximadamente 4.400 metros, despende aproximadamente 20 golpes com o podão para cortar um feixe de cana, o que equivale a 66.666 golpes no dia (...) Além de andar e golpear a cana, o trabalhador tem que, a cada 30 cm, abaixar-se e torcer-se para abraçar e golpear a cana bem rente ao solo e levanta-se para golpeá-la em cima, além disso, ainda transporta os vários feixes de cana cortados para a linha central. Isso significa que ele transporta, em seus braços 6 toneladas de cana em montes de peso equivalente a 15 kg, a uma distância que varia de 1,5 a 3 metros, ou seja, **durante parte dos 4.400 metros percorridos em um dia ele não está apenas caminhando, está se abaixando, torcendo-se e ou carregando peso.** (ALVES; NOVAIS, 2007, p. 33-34 – grifos nossos).

Desse modo, como posto pelos autores citados, o corpo do(a) trabalhador(a) sofre sério desgaste no cotidiano, comparado com a situação de verdadeiros atletas: histórias de ex-cortadores(as) de cana que praticam corrida e se inserem no mundo esportivo, engajando-se em maratonas como da *São Silvestres*, são comuns e sempre são midiaticizadas a fim de fazer propaganda da vitalidade desses trabalhadores. Um dos exemplos é a história do cortador Rivelino de Jesus: “Por mais de 20 anos, o canavial foi o local de trabalho de Rivelino de Jesus. Mas foi lá também que o baiano de 36 anos ganhou gosto pelas corridas” relatava o jornal *Globo Esporte* 2015<sup>4</sup>.

Esses casos mostram que, ao mesmo tempo em que a mídia e a opinião pública valorizam as condições físicas dos(as) trabalhadores(as) rurais, eles apresentam a necessidade do corpo saudável para ingressar na prática. Ser o *podão de ouro*, ou seja, ser o trabalhador que apresenta níveis de produtividade significativos, exige força física e psíquica. Os (as) trabalhadores (as) da laranja, por sua vez, sobem e descem de escadas ao longo do dia, com o intuito de descarregar as sacolas que levam rente ao corpo, que podem pesar mais de 8 quilos; quando derrubam a laranja para depois recolhê-las, fazem inúmeras flexões.

Porém, os locais que ocorrem essa prática quase “atletica” – canaviais e laranjais – nem sempre são salubres. No caso dos(as) colhedores de laranja, diariamente estão expostos à pesticidas utilizados no combate as pragas nos pomares. Os defensivos impregnam na roupa do(a) trabalhador(a) e os resíduos e odor os acompanham até a casa.

Thomas Jr. (2014, p. 07), ao estudar o polígono “agrohidronegócio”, dando destaque especialmente para a região do Ponta do Paranapanema, estado de São Paulo, observou que “diversos inseticidas (organofosforados, carbamatos, organoclorados, piretróides), herbicidas (dinitroferóis, fenoxiacéticos, dipiridilos) e fungicidas (ditiocarbamatos, fentalamidas) são responsáveis por danos contra a saúde humana e ambiental e catalisadores de acidentes e doenças laborais”.

Nos últimos anos, também se apresentou cada vez mais frequentes os diagnósticos de problemas mentais entre os(as) trabalhadores(as) rurais. Segundo a Classificação Internacional de Doenças (OMS – CID-11), os transtornos mentais podem ser compreendidos como síndromes que se caracterizam por uma mudança clinicamente significativa na cognição, regulação emocional e comportamento de um indivíduo, associados a uma deterioração pessoal, familiar, social, educacional, laboral (OMS – CID-11, 2019). É pertinente, então, considerar que o trabalho em determinadas condições, além de desgastar fisicamente os trabalhadores, que nem sempre possuem porte atlético, atuam também de maneira a desgastar a saúde mental.

Thomas Jr. (2014) alertava que em seus diversos estudos identificou

[...] os agravos ou as intoxicações agudas e subagudas (gastro-intestinais, renais, dérmicos, hepáticos, neurológicos, pulmonares, deficiências no sistema imunológico, quadros clínicos psiquiátricos) e crônicas (psiquiátricas, neurológicas, desreguladores endócrinos, teratogênicas, mutagênicas, carcinogênicas) com repercussões diretas num amplo leque de patologias, tais como: depressão, surdez, doença de parkinson, má formação congênita, diabetes, hipotireoidismo, infertilidade, abortos, anencefalia e câncer. Patologias que em casos extremos levam a óbito e estão associadas, simultânea, direta ou indiretamente à: a) as formas de exposição ocupacional dos trabalhadores canavieiros; b) a presença de resíduos contaminantes nos alimentos que ingerem tanto esses trabalhadores nos locais de trabalho como os consumidores finais dos produtos agroalimentares oriundos da agroindústria da cana-de-açúcar e; c) a contaminação ambiental (ar, água, solo, chuva etc.) seja do local de trabalho, o eito da cana, como das comunidades entorno às grades áreas de exploração monocultora de cana-de-açúcar onde a grande maioria das famílias desses trabalhadores vive.

Somam-se às doenças adquiridas durante a safra conforme apontadas por Thomas Jr. (2014) o que Reis (2018) observou em seu estudo sobre o “pós/trabalho”. A autora revela o estranhamento vivenciado pelos trabalhadores da cana-de-açúcar do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, ao final da safra. O “desgaste” e “descarte” se apresenta

como nova condição desses trabalhadores na ordem capitalista, pouco assegurados pelo Estado brasileiro. Compartilhar o sentimento de vergonha, como cita a autora, ou de desqualificação social, nos termos de Paugam (2003), por ser considerado “afastado” ou “encostado”, é algo emergente nas comunidades de onde partem os trabalhadores migrantes das safras paulistas.

Conforme Alessi e Navarro (2005), mesmo após a mecanização do corte de cana-de-açúcar no estado de São Paulo, as condições de trabalho pioraram. Em disputa com a colheitadeira, aos trabalhadores restou o corte em áreas de solo irregular, de cana “deitada”, onde as condições de trabalho são mais árduas e precárias.

No caso dos trabalhadores rurais da laranja, Maciel (2016) verificou que aprofundava a exploração e desgaste físico entre trabalhadores da colheita da laranja quando eles eram “migrantes permanentemente temporários”. Diferentemente do estudo realizado pela autora em 2010, com trabalhadores rurais moradores de bairros periféricos da cidade de São Carlos, os trabalhadores rurais migrantes nordestinos eram pressionados por sua condição temporária a se lançarem em condições perigosas, o que colocava em risco sua saúde, como ao realizarem a colheita da laranja em dia chuvoso ou com certa proximidade a áreas em que havia dispersão de agrotóxicos. Esses trabalhadores relatavam que era necessário “*se jogar*” para conseguir retornar a seu estado de origem – no caso do estudo, para o Piauí – com algum excedente que os permitiria melhorar de vida.

Assim, os trabalhadores das lavouras temporárias do estado de São Paulo estão sujeitos a:

**Acidentes-Tipo:** são os acidentes decorrentes da atividade profissional desempenhada pelo trabalhador; - **Acidentes de Trajeto:** são os acidentes ocorridos no trajeto entre a residência e o local de trabalho e nos horários de refeição; - **Doenças do Trabalho:** são os acidentes ocasionados por qualquer tipo de doença peculiar a determinado ramo de atividade (WALDVOGEL, 1999 apud FREITAS; TEIXEIRA, 2003, p. 84 – Grifos nossos).

No que se refere aos (às) trabalhadores (as) rurais da colheita de laranja e corte de cana-de-açúcar no interior de São Paulo, as três categorias citadas são contempladas. Quando se considera, por exemplo, os ditos “acidentes de trajeto”, eles são midiaticizados e tornam públicos. São inúmeros os casos, como o relato pelo Portal G1 de maio de 2017<sup>5</sup>,

de acidentes derivados de tombamento de ônibus de trabalhadores rurais nas rodovias paulistas.

Há pouca fiscalização em relação às condições desses ônibus que são, em sua grande maioria, dos *turmeiros* ou *gatos*, trabalhadores(as) rurais contratados pelas empresas e usinas, os quais se responsabilizam pelo agenciamento da mão e obra e transporte dos(as) trabalhadores(as) até as colheitas. No setor da agroindústria, homens e mulheres enfrentam cotidianamente longas jornadas de trabalho em lugares, muitas vezes, hostis, pois os riscos a que estão expostos são inúmeros. Quando há equipamentos de segurança, nem sempre são usados, pois podem afetar a produtividade, como no caso dos óculos e luvas distribuídos para a colheita da laranja; ao serem padronizados, esses equipamentos nem sempre são adequados tipo físico dos (as) trabalhadores (as). Assim, não se avalia a condição de trabalho e seus riscos, tampouco a qualidade desses equipamentos ditos de segurança<sup>6</sup>.

Além disso, os (as) trabalhadores (as) do corte de cana-de-açúcar e da colheita da laranja enfrentam longas jornadas de trabalho. O ônibus rural parte da cercania de suas casas por volta das 5 horas da manhã, saindo do eito e/ou dos pomares por volta das 14 horas. Assim a jornada, que é de 8 horas, com o tempo de deslocamento torna-se mais longa. Quando há a necessidade de aumento da produção também é comum a realização de horas extras.

Outro risco identificado ocorre nas horas de descanso programado e/ou horário de almoço. É comum que os (as) trabalhadores(as) tenham pontos de apoio, como o ônibus, mas muitas vezes é na sombra do pé de laranja que eles (as) descansam. O almoço, no caso dos(as) trabalhadores(as) rurais da laranja, é realizado em meio ao pomar, local onde muitas vezes há contaminação de agrotóxicos. Não são raros os relatos sobre acidentes com animais peçonhentos, como cobras, aranhas, marimbondos, formigas e abelhas.

Somado aos acidentes de trabalho, há o rol de doenças que acometem os(as) trabalhadores(as) nas atividades rurais, das quais podemos citar as LERs (Lesões por Esforço Respetivo) ocasionadas pelas longas jornadas de trabalho carregando sacolas de laranja e feixes de cana-de-açúcar – destacam-se as lombalgias e as doenças osteomusculares. Há também as lesões ocasionadas pela exposição ao ambiente, como as doenças causadas por longos períodos sob a radiação solar, com alto risco de desenvolvimento de cânceres de pele. Todavia, as lesões causadas pelo contato com

agrotóxicos (líquidos, gasosos e sólidos), fertilizantes e adubos, como alergias ou dermatites de diversos graus, são as doenças mais comuns.

No caso dos agrotóxicos nos laranjais, é válido destacar o uso do Carbendazim, fungicida que, segundo relatório-dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO, 2012, p. 29), “causa aberrações cromossômicas (KIRSCH-VOLDERS et al, 2003; Mccarroll et al, 2002)”. De acordo com o estudo de Silva (2014) na área de química, o composto

carbendazim é um produto legalizado no Brasil e é utilizado no combate de pragas como a *Guignardia citricarpa* (pinta preta) e *Colletotrichum acutatum* (estrelinha), que são fungos comuns em lavouras de laranjas. Entretanto, segundo a Food and Drug Administration (FDA), agência norte-americana responsável pela fiscalização de alimentos e medicamentos, o consumo do fungicida está associado **a um aumento no risco de tumores de fígado** e, por essa razão, a substância é proibida no país”. (SILVA, 2014, p. 17).

No entanto, outros estudos da área médica publicados pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO, 2012) enfatizam que as doenças respiratórias, doenças neurológicas, alteração de humor e comportamento podem estar relacionadas aos agrotóxicos. Destacam-se também as lesões ocasionadas pelo contato com animais peçonhentos ou insetos, ou seja, as picadas de cobras, abelhas e marimbondos. A *rua* do pomar de laranja deve ser mantida sob vigilância constante, pois são inúmeros os relatos de trabalhadores(as) que já sofreram picadas de cobras e marimbondos. Quando se consideram as lesões ocasionadas pelo manuseio de ferramentas e equipamentos de trabalho, no caso do corte de cana-de-açúcar, destacam-se os acidentes com os facões.

Para além das lesões supracitadas, o uso de bebida alcoólicas e outros entorpecentes faz parte do ambiente da safra, a justificativa para o uso dessas substâncias é a *saudade de casa* e para *aguentar o tranco* relacionado à pressão por produtividade. Assim, distúrbios de humor, depressão, doenças do sono, estresse, etc. Os (as) trabalhadores(as) em sua maioria, quando necessitam de auxílio médico ou internação, recorrem ao Sistema Único de Saúde (SUS), nos municípios de origem e destino. As Tabelas 3 e 4 mostram as principais causas de internação nas duas cidades de Matão e Jaicós.

Considerando a frágil estrutura de saneamento básico no município de Jaicós, não é espantoso que as principais causas de internação sejam por conta de alguma doença infecciosa e parasitária (29% dos casos). No entanto, chamamos atenção para a incidência de neoplasias (tumores) doenças do Aparelho respiratório e lesões por envenenamentos, cujos índices apontam para pessoas na faixa etária prioritária que ocorre a migração, 20 a 64 anos. Já em Matão, destacam-se doenças do aparelho circulatório (16,7%) respiratório (11,6%), doenças do aparelho digestivo (13,5) e lesões ocasionadas por envenenamento e alguma consequência causa externa (11,1%). Considerando que é nesse município paulista que ocorre a safra e o contato direto com agrotóxicos, o número significativo apresentado na faixa etária dos(as) trabalhadores(as) – 20 a 64 anos – nos oferece indícios das questões de saúde possíveis enfrentadas nas safras.

**Tabela 3:** Distribuição das internações por grupo de causa e faixa etária – CID10 – Por local de Residência 2010 – Jaicós

<b>Capítulo CID</b>	<b>Menor 1</b>	<b>1 a 4</b>	<b>5 a 9</b>	<b>10 a 14</b>	<b>15 a 19</b>	<b>20 a 49</b>	<b>50 a 64</b>	<b>65 e mais</b>	<b>60 e mais</b>	<b>Total</b>
I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias	<b>54,4</b>	<b>46,2</b>	<b>27,6</b>	<b>32,1</b>	<b>22,0</b>	<b>30,0</b>	<b>21,8</b>	<b>18,1</b>	<b>17,1</b>	<b>29,0</b>
II. Neoplasias (tumores)	-	-	-	-	2,3	2,6	2,1	1,6	2,7	1,8
III. Doenças sangue órgãos hemat e transt imunitár	-	-	-	5,4	0,8	0,1	-	0,4	0,3	0,3
IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	-	2,2	-	-	0,8	0,6	2,1	1,2	0,8	1,1
V. Transtornos mentais e comportamentais	-	-	-	-	3,0	1,2	0,3	0,4	0,5	0,8
VI. Doenças do sistema nervoso	-	-	-	1,8	0,8	0,1	0,3	-	-	0,2
VII. Doenças do olho e anexos	-	-	-	-	-	0,1	3,0	3,6	3,7	1,0
VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
IX. Doenças do aparelho circulatório	-	0,4	-	-	0,8	3,6	<b>32,7</b>	<b>38,2</b>	<b>36,1</b>	12,0
X. Doenças do aparelho respiratório	<b>31,6</b>	<b>48,0</b>	<b>62,9</b>	<b>48,2</b>	<b>31,8</b>	<b>28,5</b>	<b>29,1</b>	<b>32,9</b>	<b>32,4</b>	<b>34,3</b>
XI. Doenças do aparelho digestivo	1,8	1,8	2,6	-	-	5,9	4,8	1,2	2,4	3,8
XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo	-	-	-	-	-	0,1	-	-	-	0,1
XIII. Doenças sist osteomuscular e tec conjuntivo	-	-	0,9	-	-	0,3	-	-	-	0,2
XIV. Doenças do aparelho geniturinário	-	-	0,9	1,8	1,5	2,3	0,9	0,4	0,8	1,3
XV. Gravidez parto e puerpério	-	-	-	3,6	<b>30,3</b>	<b>20,7</b>	-	-	-	10,5
XVI. Algumas afec originadas no período perinatal	10,5	-	-	-	-	-	-	-	-	0,3
XVII. Malf cong deformid e anomalias cromossômicas	1,8	0,4	-	-	-	-	-	-	-	0,1
XVIII. Sint sinais e achad anorm ex clín e laborat	-	-	-	-	0,8	-	0,6	0,8	1,1	0,3
XIX. Lesões enven e alg out conseq causas externas	-	0,9	4,3	7,1	5,3	3,5	1,8	1,2	1,9	2,8
XX. Causas externas de morbidade e mortalidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
XXI. Contatos com serviços de saúde	-	-	0,9	-	-	0,3	0,3	-	0,3	0,2
CID 10ª Revisão não disponível ou não preenchido	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: SIH/SUS. Situação da base de dados nacional em 03/05/2010.

**Tabela 4:** Distribuição das internações por grupo de causa e faixa etária – CID10 – Por local de Residência 2010 – Matão

Capítulo CID	Menor 1	1 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 49	50 a 64	65 e mais	60 e mais	Total
I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias	4,5	7,1	6,4	3,8	1,6	3,9	3,2	5,2	4,9	4,1
II. Neoplasias (tumores)	-	-	3,2	5,4	1,2	7,4	9,0	8,6	9,9	7,0
III. Doenças sangue órgãos hemat e transt imunitár	-	-	0,8	0,8	2,0	0,5	1,2	1,3	1,0	0,8
IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	6,6	<b>21,4</b>	<b>16,8</b>	10,8	0,8	2,1	3,2	4,8	4,5	4,2
V. Transtornos mentais e comportamentais	-	-	-	-	1,2	4,2	1,1	0,1	0,1	2,1
VI. Doenças do sistema nervoso	1,0	2,0	6,4	2,3	1,2	2,6	2,7	1,4	1,2	2,3
VII. Doenças do olho e anexos	-	-	1,6	-	-	0,9	0,4	0,8	0,6	0,6
VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide	-	-	2,4	0,8	-	0,2	-	-	-	0,2
IX. Doenças do aparelho circulatório	0,5	-	-	0,8	3,1	10,2	<b>29,8</b>	<b>31,8</b>	<b>31,7</b>	<b>16,7</b>
X. Doenças do aparelho respiratório	<b>44,9</b>	<b>43,4</b>	<b>22,4</b>	11,5	4,3	6,1	8,1	<b>15,1</b>	14,0	11,6
XI. Doenças do aparelho digestivo	6,6	8,2	14,4	<b>17,7</b>	12,9	14,4	14,4	12,6	12,2	13,5
XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo	-	2,0	0,8	3,1	2,3	0,7	0,9	0,3	0,4	0,8
XIII. Doenças sist osteomuscular e tec conjuntivo	2,0	0,5	0,8	7,7	5,1	7,3	7,4	3,1	4,0	5,8
XIV. Doenças do aparelho geniturinário	1,0	3,1	1,6	6,9	6,3	7,9	6,5	4,6	4,9	6,3
XV. Gravidez parto e puerpério	-	-	-	3,8	<b>34,4</b>	13,3	-	-	-	7,5
XVI. Algumas afec originadas no período perinatal	<b>25,3</b>	-	-	-	0,8	0,1	-	-	-	1,0
XVII. Malf cong deformid e anomalias cromossômicas	1,5	3,1	6,4	3,1	3,5	1,1	0,4	-	-	1,1
XVIII. Sint sinais e achad anorm ex clín e laborat	1,0	-	2,4	1,5	0,4	1,1	1,7	0,7	0,9	1,1
XIX. Lesões enven e alg out conseq causas externas	5,1	9,2	12,0	<b>19,2</b>	<b>15,6</b>	13,8	7,8	7,9	8,1	11,1
XX. Causas externas de morbidade e mortalidade	-	-	-	-	0,4	0,0	-	0,2	0,1	0,1
XXI. Contatos com serviços de saúde	-	-	1,6	0,8	3,1	2,1	2,5	1,5	1,6	1,9
CID 10ª Revisão não disponível ou não preenchido	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SIH/SUS. Situação de base de dados nacional em 03/05/2010.

## Adoecimento durante e pós a safra de cítricos em São Paulo um relato etnográfico de campo

*Daqui alguns anos toda a Jaicós estará doente por conta do veneno do vício de ir para a colheita laranja em Matão*

(Trabalhador rural migrante, 45 anos, entrevista realizada em Jaicós, 2015).

A narrativa/diagnóstica quase profética do morador de Jaicós se vincula aos boatos de adoecimento e morte após a colheita da laranja em São Paulo, Matão. No mesmo contexto, somavam-se relatos sobre a condição de trabalhadores que na entressafra da laranja iam ao consultório médico e saíam proibidos de partirem para a próxima safra. Havia um certo pânico vinculado ao adoecimento superado apenas pela ideia dos ganhos auferidos com a safra. Por isso, ir para a safra era, na visão dos moradores, *um vício*; independente dos danos que poderiam causar a saúde dos(as) trabalhadores(as), eles(as) partiriam.

Dessa maneira, em 2015 durante a realização do trabalho de campo em Jaicós (PI), três coisas nos chamavam atenção como pesquisadoras: (1) os relatos sobre mortes após a safra de laranja em Matão; (2) as longas filas na *Casa da Prefeita* – uma casa de acolhida que a Prefeitura Municipal de Jaicós mantinha aberta para atendimento público; (3) os relatos sobre os atendimentos dos médicos cubanos. Segundo os moradores, eles eram atenciosos, investigavam toda a vida da pessoa e a consulta durava quarenta minutos, o que valia a pena esperar para ser atendido. A figura 3 exemplifica os esforços da prefeitura municipal de Jaicós no acolhimento dos médicos cubanos.

**Figura 3:** Fotografia da mensagem de acolhida dos médicos cubanos em Jaicós - 2015



Fonte: Acervo da pesquisa

No que se refere à condição laboral dos trabalhadores da laranja, compreendemos que a pressão por altas produtividade tende a ocasionar adoecimentos de múltiplas ordens, invalidez e até a morte. Não foram raras as queixas relatadas por trabalhadores(as) entrevistados(as) nos últimos anos nas cidades de Matão (São Paulo) e Jaicós (Piauí). Muitos(as) trabalhadores(as), com receio de não serem contratados, escondem suas condições de saúde e relatam que o exame admissional é insatisfatório para o diagnóstico correto de doenças. Segundo eles(as), o exame até mesmo menospreza determinados sinais de problemas de saúde evidentes, tudo depende do número de trabalhadores(as) disponíveis na seleção para a safra.

A avaliação das condições físicas e psicológicas do(a) trabalhador(a) é bastante controversa. Nos foi relatado que os empregadores preferem trabalhadores(as) que na safra anterior não apresentaram atestados. Assim, *perder o dia de serviço* para consulta médica ou realizar exames *sujaria a ficha*. Quando se trata do(a) trabalhador(a) rural migrante, *o ato de esconder* as condições reais de saúde é comum, considerando a pressão que sofrem do tempo de estada nas cidades onde estão trabalhando. Deve-se trabalhar de maneira intensa para garantir os rendimentos até o fim da safra, quando voltam para suas residências habituais.

No momento da efetivação da contratação, é verificado, especialmente no caso de antigos(as) trabalhadores(as), o histórico de produtividade e quantidade de atestados

médicos apresentados. Existe uma a classificação de bons e maus trabalhadores entre os empreiteiros *gatos* e/ou empresas.

Em outras palavras, verificamos pelos relatos que entregar atestado ou faltar no trabalho por estar doente significa, não raramente, a perda do dia trabalhado, o que implicará em descontos na folha de pagamento. Sobre esse aspecto, a fala de Maria, 34 anos, que trabalhou entre os anos de 2006 a 2011, totalizando cinco safras na laranja em Matão/SP, sintetiza essa questão:

Se você pegar atestado diminuí o pagamento, ia no médico pegava atestado, o médico pedia exame. Eu conseguia fazer só aqui (em Jaicós/PI). [Porque lá] atrapalhava muito porque perde dia, já perdi dia pra consulta e tem que perder outro pra fazer exame, outro pra mostra. Ai não ganhava nada na hora do acerto.

O(a) trabalhador(a), então, se vê condicionado a manter um ritmo produtivo diário, e torcer para chegar ao fim da safra sem adoecer. Durante o trabalho de campo, ouvimos, prioritariamente, relatos sobre alergias respiratórias e de pele, as quais são ocasionadas segundo, os(as) entrevistados(as), pela exposição intensa aos agrotóxicos utilizados nos pomares; em seguida, destacam-se as lesões por esforço repetitivo (LER), dores de cabeça e estados febris, além de problemas ginecológicos, no caso das mulheres.

Ademais, nos laranjais existem distinções entre os próprios trabalhadores no que se refere ao ritmo de produção ou produtividade de cada um. Sobre esse contexto, temos as categorias: *Aranha* (os maus colhedores), os colhedores médios e o *Pai ou Mãe da turma* (os bons colhedores, ou seja, os que colhem em média 10 *bags* ou sacolões por dia, o que equivale de 100 a 150 caixas de laranja).

Diferentemente do cenário encontrado no trabalho do corte de cana, que tende a ser mais individual (SILVA, 1999; ALVES, 2006), a colheita da laranja possibilita a configuração de divisões entre os parceiros que se organizam na roça a partir da tarefa de derrubar a laranja do pé (atividade majoritariamente masculina) e pegá-la no chão (a cargo das mulheres); as tarefas envolvem riscos diferenciados, mas a contaminação com agrotóxico, por exemplo, é comum a todos.

Esse tipo de contaminação na colheita da laranja é algo conhecido pelos trabalhadores rurais, desde suas comunidades de origem. Como citam os trabalhadores jaiçoenses, o cheiro impregna nas roupas e no corpo após o dia de trabalho, causando-lhes dor de cabeça e/ou enjoo. Porém, com o tempo, eles se habituem e apenas quando

têm alergias graves e fortes dores de cabeça, que os impedem de trabalhar, que procuram o médico. A Figura 4, fotografia retirada pelas pesquisadoras durante uma entrevista, revela o drama da condição física dos trabalhadores após a safra

**Figura 4:** fotografia das mãos de um trabalhador após a safra em Matão



Fonte: Acervo da pesquisa

**Entrevistado:** Esse ano eu peguei essa doença da laranja, acho que foi por causa do veneno que a gente lava mão, e eles me mandaram embora assim. Lá só faz exame para entra, para sair ele manda a gente embora de qualquer jeito. Tem aqui nas mãos, essas bolinhas, e aqui nos pés também.

**Entrevistadora:** E os médicos o que dizem?

**Entrevistado:** Não eles não passaram nada. Eu estou tentando que eles assinem um atestado pra mim porque pai de família não pode deixar de trabalhar. Eu estou procurando aí para ver se eu encontro algum direito. Porque para roça eu não posso ir porque com isso aqui não dá. Hoje ainda não está feio, mas tem época que está muito feio, porque você sabe trabalhar a gente sempre mexe com as mãos.

**Entrevistadora:** E a empresa não se responsabiliza?

**Entrevistado:** Não, embora eles nem sabem, porque fui mandado embora assim, eles só se interessam pela produção. Na hora de mandar embora eles nos mandam assim, de qualquer jeito, não fazemos exame para ser demitido.

**Entrevistadora:** E o sindicato, você tem contato?

**Entrevistado:** Eles são piores que aqui, são piores que a empresa, eles são tudo comprado. Pois é lá quem é dono de tudo é o Fisher e eles

compram tudo, aí eu vim embora desse jeito. Chega lá o sindicato é comprado, o jeito é procurar os direitos aqui.

(Entrevista realizada em dezembro de 2013, em Jaicós)

Além da expressa “perda de tempo”, a busca de atendimento durante a safra também é barrada pela falta de conhecimento do próprio sistema de saúde das cidades que recebem esses(as) trabalhadores(as); o preconceito de sua condição de temporário, por parte da população residente, e até mesmo a displicência dos agentes de saúde afastam os(as) trabalhadores(as) da procura de atendimento. Uma trabalhadora relatou que ouviu de amigos que o atendimento de saúde em Matão, por exemplo, era apenas para os moradores da cidade e como ela não era moradora, mas migrante, pensou que não poderia ser atendida.

Reis (2018) destaca que é comum, entre trabalhadores rurais, que no “pós/trabalho” novas tramas de sociabilidade se desenvolvam nas cidades de retorno migratório. Em Jaicós, no Piauí, comparado com o que a autora trabalhou no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, o “pós/trabalho” é caracterizado como o tempo para descansar na esperança de ir para a próxima safra. No entanto, muitos(as) trabalhadores(as), no “pós/trabalho”, adquiriram a condição de afastamento, criando a imagem e estigma de “encostado no governo”.

Em 2015, em Jaicós, ouvimos relatos sobre as condições sanitárias da safra. Alguns trabalhadores que voltavam adoecidos eram desaconselhados, pelos médicos que atendiam na cidade, a realizarem a atividade no próximo ano. Havia “murmurinhos” de que o agrotóxico da laranja iria matar os trabalhadores no acumulado dos anos. Considerando que alguns ex-safristas tinham desenvolvido cânceres, diferentemente da cana-de-açúcar, em que muitas vezes os trabalhadores morrem nos canaviais de exaustão, conforme apontado por Silva (2006), na colheita da laranja a morte passava a ser silenciosa.

Em Jaicós, os(as) trabalhadores(as) morriam, mas as causas diagnósticas pouco evidenciavam as condições ambientais de trabalho. Apenas a morte de um trabalhador da safra, José Erivan, foi levada a público pela mídia. Em entrevista, um amigo do trabalhador falecido esclarecia que:

Tem um menino aí no Massapé doente, ele estava lá sozinho, sem mulher, um dia ele estava lá deitado perto da calçada, ele estava suando muito, aí o Evaldo pegou ele levou no médico, e ele ficou só seis meses, voltou sem seguro nenhum, o Evaldo pegou e deu dinheiro para ele pegar um moto taxi para ir até o hospital, ninguém entendi a doença dele, já aqui ele pagou um exame e acusou que foi por causa do veneno, ele está encaminhando aí para pegar o seguro, ele não tem mais força, não aguenta mais pegar em enxada, ele se chama Antônio, tem uns 35 anos. Ele leva falta direta, com atestado, mas nunca pagavam. O povo achava que ele não ia aguentar aí mandaram ele veio embora. É muito ruim porque a gente está aqui trabalhando aí vem uma máquina “xirangando” veneno, sabe ela passa bem pertinho, aí vem o vento e vem o veneno todinho em cima da gente. No dia seguinte debaixo do pé tem aquela poça de veneno. O veneno entrava até na comida, quando a gente entrava na roça a gente tinha que lavar a mão com veneno, e eles falavam que era veneno. O dia que lavava não passava na portaria, e quando saia passa também, os carros também eram lavados de veneno. Ia lavar os carros e aí na gente também. Nós trabalhávamos o dia todo com febre. Também tinha as cobras cascavel que aumentava nosso medo... Um dia vinha uma cobra colorida no meu sapatão, ainda bem que estava no final da safra, porque nossa eu fechava os olhos e vinha à imagem da cobra. (Entrevista realizada em dezembro de 2013, em Jaicós).

Tinha dia que eu tomava banho, e senti o cheiro da laranja em minhas mãos, a roupa por mais que lavava também fica com cheiro diferente, e quando chovia? Meu Deus, era horrível porque tinha que entrar mesmo assim, porque o que interessa é a produção. (Entrevista realizada em dezembro de 2013, em Jaicós).

No entanto, por mais que evidências se apresentassem sobre as condições insalubres dos laranjais, havia uma crença também entre os(as) trabalhadores(as) que muitos já partiam doentes. Os médicos da cidade de Jaicós evitavam falar sobre o assunto, apenas reconheciam o aumento da procura no posto de saúde e no hospital municipal na entressafra da laranja.

Apenas os moradores não-migrantes, em tom de fofoca, falavam abertamente sobre o conhecimento de muitos casos de trabalhadores que após a safra haviam morrido ou adoecido rapidamente. Segundo entrevistas, o “vício na laranja” impedia que os(as) trabalhadores(as) falassem sobre as condições de trabalho, o que revelava um pouco de tabu. Falar abertamente sobre as condições vividas em Matão poderia deixar, principalmente, as mães em estado de preocupação ou desmoralizar a empresa junto às

instâncias governamentais, fazendo com que os postos de trabalho deixassem de existir. Entre a colheita da “laranja envenenada” na cidade de Matão e a falta de oportunidade e renda em Jaicós, a escolha era pela primeira.

Pensando nisso, além da necessidade discutir as condições sanitárias na colheita da laranja em Matão, é também urgente um debate sobre a superação das condições de vida precárias em Jaicós e em tantos outros municípios brasileiros de onde partem migrantes buscando melhorarem de vida.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho buscamos trazer reflexões sobre as condições de saúde e o processo de adoecimento silencioso dos(as) trabalhadores(as) migrantes, especialmente da colheita da laranja. O adoecimento dessas pessoas, não raramente, foi associado pelos(as) entrevistados(as) ao contato direto com agrotóxicos durante a etapa da colheita. Além disso, notamos que o apelo da produtividade e a busca pela recontração nas safras subsequentes fazem com que os(as) trabalhadores(as) não procurem de imediato ajuda nos postos de saúde e até mesmo na própria empresa.

Ademais, ouvimos relatos de que, nas cidades de origem, há trabalhadores impossibilitados de exercerem atividades laborais devidos às condições de saúde que apresentaram pós-safra. No que se refere aos trabalhadores rurais da cana-de-açúcar, é possível verificar lesões obtidas nas jornadas exaustivas, como outros pesquisadores indicam.

Certo desconhecimento do serviço público de saúde nas cidades que acolhem esses migrantes aprofunda a vulnerabilidade social que se encontram; diagnósticos mal elaborados em suas cidades de origem também corroboram para o desconhecimento dos impactos na saúde dos safristas do interior de São Paulo. Além disso, há a ausência de notificação dessas contaminações ao próprio poder público por conta da falta de métodos que comprovem a causalidade direta entre o adoecimento e a contaminação por agrotóxicos. Como desfecho, observamos que o adoecimento remodela as identidades sociais desses trabalhadores nos locais de origem impactando diretamente em suas relações sociais.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de amparo a pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento científico e tecnológico (CNPq), que apoiaram incondicionalmente as pesquisas que deram origem a este artigo durante os anos de 2013-2018. Aos trabalhadores (as) rurais que nos cederam espaço e tempo de suas vidas para realização das entrevistas e tantas outras conversas.

## Notas

<sup>1</sup> Conforme a Associação Nacional de Exportadores de Suco de Laranja (*CitrosBr*), renderam nos primeiros três meses dessa safra 2019/20 (julho a setembro) US\$ 508,4 milhões.

<sup>2</sup> Os colhedores de laranja/catadores, como popularmente são chamados, são registrados pela CBO 6225-05 – Trabalhadores no cultivo de árvore frutífera.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://cidadesnanet.com/news/municipios/jaicos/jaicos-em-apenas-1-dia-cerca-de-600-trabalhadores-migram-para-matao-em-busca-de-melhores-condicoes-de-vida/acesso>. Acesso em 20/11/2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/sorocaba/atletismo/noticia/2015/11/com-historia-mostrada-na-tv-corredor-de-icem-se-garante-na-sao-silvestre.html>. Acesso em 21/10/2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/onibus-que-transportava-trabalhadores-rurais-tomba-e-um-morre-na-sp-215.ghtml>. Acesso em 21/10/2019.

<sup>6</sup> Discussão aprofundada disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/nr/nrr4.htm>. Acesso em 10/008/2017.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco. Por que morre os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90-98, set./dez. 2006.

ALESSI, Neiry, Primo; NAVARRO Vera, Lucia. Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, Supl. 2, p. 111-121, 1997.

BAENINGER, Rosana. Região Administrativa Central: Região de Governo de Araraquara e Região de Governo de São Carlos. **Textos NEPO 31: Migração em São Paulo 7**. Núcleo de Estudos de População/Unicamp. Campinas. 1995.

ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2011.

ELIAS, Denise. **Globalização e agricultura**. São Paulo, SP: Editora da USP, 2003.

FREITAS, Rosa, Maria, Viera, de; TEIXEIRA, Monica. Ponte. Acidentes do trabalho rural no interior paulista. **São Paulo em perspectiva**, v. 17, n. 2, p. 81-90, 2003.

MACIEL, Lidiane Maria. **O sentido de melhorar de vida. Arranjos familiares na migração rural-urbana para o interior de São Paulo.** Jundiaí, Paco. Editorial. 2013.

MACIEL, Lidiane Maria. Entre o rural e o urbano: processos identitários na migração para região Central do Estado de São Paulo. 2016. **Tese** (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

NOVAES, José Roberto. ALVES, Francisco. (Orgs.). **Migrantes.** Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EdUFSCAR, 2007.

REIS, Taina. Ceifando a cana tecendo a vida: um estudo sobre o pós-trabalho nos canaviais. 2018. **Tese** (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

SILVA, Maria Aparecida. Morais. Mortes e acidentes nas profundezas do ‘mar de cana’ e dos laranjais paulistas. **INTERFACEHS** – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, São Paulo, v. 3, n. 2, abr./ago. 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Morais. **Errantes do Fim do Século.** São Paulo. Ed. UNESP. 1999.

SILVA, Renato Cesar, da. Avaliação do potencial carcinogênico do carbendazim e seus metabólitos. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Química) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

OMS-CDI11- **Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.** ONU. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <<https://www.who.int/classifications/icd/en/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

PAUGAM, Serge. **Desqualificação social:** Ensaio sobre a nova pobreza. Tradução de C. Giorgetti e T. Lourenço. São Paulo: Educ & Cortez. 2003.

PEREIRA, Giovana Gonçalves; TROIANO, Jessica Aline; MACIEL, Lidiane. Maria. A Heterogeneidade dos Espaços Rurais: Convivência e Interdependência de Agentes Produtivos na Região Central do Estado de São Paulo (Brasil). In: Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural, 9, 2014, Cidade do México. **Anais...** Cidade do México: ALASRU, 2014.

PEREIRA, Giovana Gonçalves. Migrações e agronegócio espaços na citricultura paulista. **Tese** (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

VEIGA FILHO, Alceu de Arruda. Cana: nova expansão e a insustentável exploração de sua força de trabalho. **Instituto de Economia Agrícola**. Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 2005.

TEIXEIRA, Monica La Porte; FREITAS, Rosa Maria Vieira de. Acidentes do trabalho rural no interior paulista. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 17, n. 2, p. 81-90, 2003.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Trabalho e saúde no ambiente destrutivo do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP) – Brasil. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 15, n. 2, dez. 2018.

Recebido em 30/11/2019. Aceito para publicação em 04/03/2020.
--